

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 18 — 17 DE FEVEREIRO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 15



«CINE-JORNAL» ENTREVISTA, EM PARIS, JULES BERRY

BREVEMENTE: «TOMÁS ALCAIDE, ACTOR DE CINEMA»

Reedições de filmes célebres

Muitos filmes célebres doutros tempos vão ser reeditados. A seguir, damos uma nota bastante completa dos próximos filmes a realizar nessas condições, fazendo-os seguir, entre parêntesis, do nome da casa produtora e da data em que vieram a lume as versões anteriores:

M. G. M.—*A Tale of Two Cities* (Fox—1917); *Rose Marie* (Metro—1928); *Oliver Twist* (Paramount—1916, First National—1922 e Monogram—1933); *Twenty Thousand Leagues Under the Sea* (Universal—1916); *Prisoner of Zenda* (Metro—1922); *Silas Marner* (Mutual—1916 e Assoc. Exhibitors—1921); *The Student Prince* (Metro—1927); *Excess Baggage* (Metro—1928); *Robin Hood* (United—1922); *Maytime* (Preferred—1922); *Three Live Ghosts* (Paramount—1922 e United—1929); *The Three Godfathers* (Bluebird—1916); *The Cossacks* (Metro—1928).

20TH-CENTURY-FOX:—*Under Two Flags* (Fox—1916, Universal—1922); *The Song and Dance Man* (Paramount—1926); *Poor Little Rich Girl* (Aricraft—1917); *The Littlest Rebel* (Paramount—1913); *Captain January*

(Principal—1924); *Earthbound* (Goldwyn—1920); *Ramona* (W. H. Clune—1916 e Inspiration—1928); *The Country Beyond* (Fox—1926).

PARAMOUNT:—*Trail of the Lonesome Pine* (Paramount—1923); *Rose of the Rancho* (Paramount—1930); *The Light That Failed* (Paramount—1923); *Burlesque* (Paramount—1929); *Mlle. Modiste* (Warners—1925 e 1931).

RKO:—*Booker Bean* (Paramount—1918 e Warners—1925); *Seven Keys to Baldpate* (Artaft—1917, Paramount—1925 e RKO—1929); *Quoddy Street* (Metro—1927); *The Three Musketeers* (United-Artists—1921).

WARNERS:—*Captain Blood* (Vitagraph—1924); *Captain Applejack* (Warners—1930); *Main Street* (Warners—1923); *God's Country and the Woman* (Vitagraph—1916).

UNIVERSAL:—*Show Boat* (Universal—1929); *Hunchback of Notre Dame* (Universal—1924); *Uncle Tom's Cabin* (Paramount—1918 e Universal—1927); *Phantom of the Opera* (Universal—1925); *Skinner's Dress Suit* (Essanay—1917 e Universal—1921).

COLUMBIA:—*The Lone Wolf Returns* (Columbia—1926).

UNITED-ARTISTS:—*Little Lord Fauntleroy* (United-Artists—1921); *Beau Brummel* (Warners—1924); *Last of the Mohicans* (Associated Producers—1920); *Mark of Zorro* (United-Artists—1929).

REPUBLIC:—*The Harvester* (F. B. O.—1927).

Os títulos que figuram são, como vêem, os das versões originais. No entanto, identificarão facilmente filmes nosos conhecidos, como: *Rose-Marie*, *Vinte mil léguas submarinas*, *O Prisioneiro de Zenda*, *O Príncipe Estudante*, *Os Cossacos*, *Ramona*, *Inspiração*, *Os Três Mosqueteiros*, *O Pequeno Lord*, etc.

BELEZA E SIMPATIA

Um artigo de NORMA SHEARER

A simpatia é função do nosso estado de espírito. Não tem relação alguma com a beleza. Depende apenas da nossa forma de encarar a vida. Se formos pessimistas raucorosos e invejosos, não poderemos nunca ser outra coisa senão uma pessoa antipática, «mulgré-lou»...

Façam o possível por estimar e compreender os vossos semelhantes. Não façam com sinceridade. A hipocrisia é o mais execrável dos defeitos e é impossível escondê-lo ou dominá-lo. A hipocrisia será uma barreira ao vosso optimismo. E uma cara de sobrececho carregado, uma boca que não sabe sorrir, uma expressão eternamente desconfiada—nunca pode ser insimulada e simpática.

As boas maneiras, e o «savoir-vivre» influem, claro está, na simpatia. Uma pessoa, porém, para se tornar simpática não necessita de ser amável até o extremo! As chamadas pessoas obsequiosas—chegam a enervar.

A mulher de hoje deve ser enciclopédia e adaptar-se a todas as circunstâncias. As mulheres que interessam os homens são aquelas que sabem jogar o tênis e o bridge, que não têm medo do mar, que gostam de dançar e de rir. Não quer isto dizer que a mulher deixe de ser mulher, de se ocupar do seu lar e do bem-estar dos seus. Mas essa sociabilidade será apreciada por todos.

Devem aprender a esquecer todas as contrariedades, a começar o dia com alegria, a amar a beleza do trabalho! Consagrem-se inteiramente ao vosso amor—se o tiverem—porque todo o amor é Belo, e parece que a Vida só sorri e canta, quando se ama alguém.

Quando se fala nas vedetas da tela—toda a gente diz: que elas conheceram o êxito, porque têm «sex-appeal». Já me deram várias definições d'esse termo, que acho feio e sem significado. Quanto a mim, quero crer que, com tal designação, pretendem apenas definir uma emolvidade super-sensível, e sobretudo o amor pela Vida.

NORMA SHEARER



O extraordinário desenvolvimento do cinema inglês

Londres tornou-se numa séria rival de Hollywood. Em 1935, nos estúdios ingleses, realizaram-se 190 filmes. No decurso do mesmo ano, as receitas das 4.000 salas britânicas atingiram um montante de 40.950.000 de libras, correspondentes a 957 milhões de espectadores.

Para estabelecer um termo de comparação citemos o seguinte: em França, no mesmo lapso de tempo, realizaram-se 115 filmes de longa metragem e as 3.500 salas francesas registaram 220 milhões de entradas, que correspondem à cifra de 820 milhões de francos de receitas.

Quere dizer: com uma população equivalente, na Inglaterra o público vai quatro vezes mais ao cinema do que em França.

O cinema inglês domina actualmente os mercados sul-americano, australiano e canadiano, e está-se infiltrando seriamente no mercado americano.

Londres, dia a dia, afirma-se como um grande centro produtor—o maior, sem dúvida, da Europa inteira.

Um filme interdito

O filme *As Mãos de Orlac*, com Peter Lorre, reedição do filme célebre de Conrad Veidt, foi interdito na Austria, e adadas as suas pronunciadas tendências sádicas.

Os prémios da Academia

O banquete da Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas Americanas, que devia realizar-se em fins de Fevereiro, foi adiado para 5 de Março.

Durante esse banquete, que se realizará no Hotel Biltmore, de Hollywood, serão escolhidos os melhores trabalhos do ano, das diferentes classes: a melhor interpretação masculina, a melhor interpretação feminina, o melhor filme, a melhor realização, o melhor argumento, o melhor cenário, a melhor decoração, a melhor fotografia, o melhor ajudante-realizador, o melhor desenho animado ou filme curto, a melhor colaboração musical.

Este ano escolher-se-á também «o melhor número de dança», o qual será apurado entre os números de dança dos filmes «Chapéu Alto», «Folies Bergères», «A Deusa do Fogo», «Broadway Melody 1936», «King of Burlesques», «Lullaby of Broadway», «Big Broadcast», «Go into your dance», «Goldiggers of 1935», «Broadway Hostess».

O RECITAL DE MARIA PAULA

Maria Paula, a graciosa intérprete das *Pupilas*, que o público consagrou, pela sua beleza e pelo talento que revelou, realiza hoje, no Teatro Gimnásio, um recital de canto, durante o qual interpretará várias canções francesas do repertório de Lucienne Boyer, músicas brasileiras, etc.

Aguarda-se, com viva ansiedade, a noite de hoje, não só pelas deliciosas horas de arte que ela vai proporcionar, como também pela alegria de ver Maria Paula tomar novamente contacto com o público, depois da longa doença que a prostou, e que a teve durante muito tempo entre a vida e a morte.

Mussolini e o Cinema

Mussolini teve uma longa conferência com o director geral da Banca del Lavoro, «signora» Osio, que deu conta ao chefe de Estado da marcha da Seção Autónoma para o crédito cinematográfico (Sezione Autonoma per il Credito Cinematografico) cuja criação fora decretada a 13 de Junho p. p. Sabe-se que a finalidade deste Banco é favorecer o desenvolvimento da produção italiana. O capital, que se eleva a 10.000 libras, foi constituído do seguinte modo: metade pelo Estado, metade pela «Banca del Lavoro».

TRANSCRIÇÃO

O último número de *Cinearte*, chegado a Lisboa, transcreve parte do artigo do nosso director sobre *Bocage*, artigo esse que constituiu uma autentica revelação sobre o filme, sabido é que a data em que veio a lume pouco ou nada se sabia sobre o assunto.

A mesma revista refere-se à campanha por nós iniciada em prol da vinda ao nosso País dos filmes brasileiros, aplaudindo a doutrina que em vários artigos expendemos.

A Hollywood soviética

Depois da Hollywood italiana, eis a Hollywood soviética, anunciada pelo «Jornal de Moscovo».

A direcção geral das indústrias cinematográficas elaborou já — informa aquele diário — o projecto da Cidade do Cinema, numa das regiões meridionais da U. R. S. S.

Construir-se-ão 40 estúdios, numa área de 33.000 metros quadrados. Para a primeira fase dos trabalhos, está organizada uma verba de 350 milhões de rublos.

É provável que a região designada seja a Crimeia ou a Rússia Transcaucasiana.

U insucesso de Simonne Simon

Simonne Simon vai abandonar a América, para onde partira há pouco! Em Hollywood, toda a gente se admirou que Mr. Sheehan a houvesse escolhido, sabido que a sua voz e a sua fotogenia não tinham nada de especial para agradar ao público americano.

A princípio, foi indicada para interpretar o primeiro papel feminino de *A Message to Garcia*, com John Boles. Após algumas experiências, foi substituída por Barbara Stanwyck.

Em seguida, designaram-na para interpretar *Sob Duas Bandeiras*, de Frank Lloyd, o velho dramalhão de Ouida, já realizado em 1915 com Theda Bara e, em 1922, com Priscilla Dean.

Durante três semanas, Simonne Simon filmou no estúdio e ao ar livre, em Palm-Springs. De repente, suspenderam os trabalhos e Claudette Colbert substituiu-a, no papel de *Clochette*.

Simonne Simon regressa a França, com



June Knight, ou o mulher de fogo e o homem de gelo...



Mary Burns, voga ao sabor da corrente...



Mario Sweet, que vamos ver no novo filme de Eddie Cantor

UM CASAL ADORAVEL: MICKEY E MINNIE

MICKEY e Minnie são os meus heróis da tela. Nas breves discussões cinéfilas que por vezes sustento, coloco-os acima das Marlènes, Garbos e Crawford e dos Copers, Gables ou Montgomeries.

Desculpem-me os de carne e osso. As realidades palpáveis (em Hollywood, já se vê!) prefiro aqueles simpáticos bonecos de tinta da China. Não sorriam. Acaso acham que lhes falta humanidade? Pelo contrário, têm-na em demasia.

Não são, porventura, um exemplo de harmonia, de amor persistente, romântico, avassalador, capaz de lutar contra todos os perigos e todas as alternativas da sorte?

Não enfrenta Mickey, heróicamente, as maiores privações, torturas e dissabores, para conquistar ou manter o amor de Minnie, atáis sempre fiel?

E ou não com firme espirito desportivo que Mickey encara os tropeços que os fortes lançam aos fracos? Não vence ele pela inteligência os que dispõem da força bruta?

Decididamente concordemos que Mickey e Minnie são humanos, que aqueles borrões de tinta, a que o génio de Walt Disney empresta vida, constituem mais do que simples utopias da tela.

De facto, fora dela, o encantador casal não pausa para o mundo, não dá as tradicionais entrevistas à Imprensa, não percorre os mares a bordo de luxuosos paquetes ou os ares em rápidos aviões, nem tão pouco suportou o entusiasmo das multidões.

E que o lir de Mickey e Minnie reside no fundo do linteiro de Disney. Dali, é que eles surgem para a tela, enchem de franca alegria novos e velhos e reduzem a fumo, durante alguns minutos, as mais inveteradas melancolias.

Por não lhes correr sangue no corpo,

por não poderem sobretudo após a consagrada assinatura sobre um retrato «castigador» é que talvez muitos os delectam. Porém, em compensação, a ternura que os envolve alastra como nuvem de óleo em mar bravo.

Hoje, já se encara Mickey com optimismo. As meninas consideram-no como o símbolo da constância amorosa, os rapazes como o prototipo da resistência viril e as próprias mães classificam-no de genro ideal...

Minnie, por sua vez, é a pureza, a virgindade que resiste às tentações do mundo, que aguarda confiante o momento, para ela histórico, em que Mickey a virá livrar das garras dos mal intencionados.

Minnie é, pois, a encarnação das grandes amorosas, — de Julieta, de Helena, de Virgínia.

Por isso isto, repito, Mickey e Minnie são humaníssimos.

Walt Disney explica assim como criou o meu herói:

«Mickey nasceu dum borrão de tinta. Na garagem que me servia, ao tempo, de estúdio, um dos meus auxiliares espolhou certo dia uma garrafa de tinta sobre uma folha de papel na qual eu começara um desenho. Perante aquele borrão puz-me a sonhar. O meu pincel passeando na tinta deu-lhe forma: grandes orelhas, um nariz de trompeta, pequeninas pernas e grandes pés. Nascera um homenzinho. Primeiro, chamei-lhe Mortimer. Porém, minha mulher, baptizou-o Mickey».

Depois, veio Minnie. E, como as flores andam sempre ligadas ao eterno feminino, surgiu aquele clássico malmequer, emblema do amor. Malmequer, bem-me-quer...

Como vêem, sempre ternura, sempre Immanidade...

OPERADOR N.º 13

alguns dólares e muitas desilusões... E o seu exemplo vai servir de lição a outras vedetas europeias, que se supõem capazes de conquistar o Tio Sam, apenas com o seu sorriso...

O Jubileu de Lumiere em Londres

Como já noticiámos, comemora-se, depois de amanhã, 20 de Fevereiro, em Londres, o Jubileu de Luiz Lumière. A sessão efectua-se no Polytechnic

Cinema, com o programa que aquela sala exibiu justamente há quarenta anos. Os cartazes reclamativos são a reprodução exacta dos que foram afixados em 1896, quando Luiz Lumière foi exibir os seus filmes a Londres.

Além desta sessão, à qual assistirá o famoso sábio francês, o Polytechnic organizará uma exposição com os primeiros aparelhos cinematográficos de Luiz Lumière, o Kinetoscópio de Edison, etc., etc.



Alice Faye, as suas pernas e o seu guarda-sol!...



Rachelle Hudson também se quis retratar com «Buck»



Os 4 intérpretes de «Nos mares do China»: Wallace Beery, Jean Harlow, Cora Sue Collins e Clark Gable



JULES BERRY

O grande actor francês,
diz a «CINE-JORNAL»:
«Desta vez ganhei»...

JULES Berry é um dos actores mais queridos do público francês, e é justo que assim seja, porque ele na verdade é um grande artista. Portugal ainda não conhece bem, este maravilhoso actor, mas em breve vai vê-lo e julgá-lo em dois grandes filmes: «Bacará», que está fazendo um grande sucesso no Colisée dos Campos Elísios, e cujo filme foca um grande escândalo passado há pouco em França, e «Disco 413», um filme de espionagem, que ele neste momento está terminando em Londres.

Berry é dotado duma simplicidade, simpatia e delicadeza, que nos encanta e entoa.

Quando entra no «estúdio», saúda amavelmente todos aqueles que o ajudam a triunfar, desde o simples carpinteiro ao director da produção, e não dá

importância às costumadas intrigas dos bastidores. Agra-se com a felicidade dos outros e entristece-se com as desgraças do próximo.

Assistimos à filmagem de algumas cenas do «Disco 413», em que entrava também o nosso compatriota Tomaz Alcaide, e se os nossos leitores vissem como ele, o ajudava, como lhe dava os seus conselhos, só por esse facto passaria a adorá-lo.

Foi no seu camarim, onde reina a desordem, do verdadeiro boémio, que lhe pedimos a entrevista costumada, e foi ele que nos disse tudo o que vamos escrever:

— Desta vez ganhei. E continua:

Creio ser esta a frase apropriada para começar a nossa palestra, e passo a ex-

plicar-lhe porquê: Nas minhas horas vagas, para fugir um pouco da vida artística, e mesmo para estudar certas pessoas que se sentam em volta duma mesa de jogo, divirto-me jogando de tempos a tempo o «Bacará», mas quasi sempre perco.

Costuma dizer-se que infeliz ao jogo, feliz nos amores, isto creio, que também se diz em Portugal e mesmo em todo o mundo, mas sobre este capitulo delicado, ponho ponto e nada quero dizer.

Quando me apresentaram o argumento de «Bacará», depois de o ler com muita atenção, resolvi dar o meu acôrdo ao produtor, para interpretar o papel que me estava destinado, ao lado do meu amigo Lucien Baroux e da grande artista Mareelle Chantal.

Joguei uma vez mais o «Bacará», mas desta vez com chance, mesmo com muita chance, pois as cartas que me vieram à mão trouxeram-se sempre 9... Nos filmes, quando se começa, joga-se sempre, pois nunca se sabe a carta que vem!...

No meu novo filme «Disco 413», apenas lhe digo, que espero ganhar também, mas ainda é cedo para lho dizer, pois ainda se estão baralhando as cartas... Olhe, diga no «Cine-Jornal», que estou verdadeiramente encantado com a voz do vosso compatriota Alcaide. Já o conhecia de nome, mas ainda não o tinha ouvido. Encheu-me as medidas, e considero-o, um dos maiores tenores da actualidade. Que escola, que fôlego, e que timbre de voz tão bonito...

— E de Portugal, pode dizer-nos alguma coisa, visto que ainda há pouco nos disse que adora esse país?

— Portugal encanta-me, Sintra, Estoril, que verdadeiras maravilhas da natureza.

Estive muito tempo em Lisboa, mas sentia-me tão bem, que por vontade minha teria ficado lá, por muito mais tempo, e depois no Estoril, onde ninguém me conhecia, sentia-me tão à vontade...

Tive ocasião de falar com alguns portugueses, que me encantaram pelo seu trato. Uma das coisas que admiro em Portugal é a cultura de toda a gente. Um país adorável, onde toda a gente fala francês. Fiquei com grande pena de não ter encontrado nenhum dos amigos das horas terríveis, de 1914 a 1918, e que tão galhardamente se portaram em campos de França. Paciência, será para outra vez.

Também lhe digo que fui ao Teatro Nacional, onde vi uma comédia interpretada, por uma grane artista portuguesa. Não me lembro o seu nome, mas creio ser a D. Amélia Rey Colaço.

Neste momento veem chamá-lo, para filmar uma cena com Gitta Alpar. Jules Berry, parte apressadamente. Richard Pottier, dá as suas últimas ordens; vai filmar-se uma cena de prisão.

Ouvem-se as palavras sacramentais: «Silence, on tourne».

Terminada a cena, despedimo-nos de Jules Berry, que nos diz ainda:

Olhe, que no Casino do Estoril também ganhei...

EXPRESS

(Direitos de reprodução total e parcial reservados).

Brevemente: Uma entrevista com o grande tenor português, TOMAZ ALCAIDE.

Os escritores de Teatro e o Cinema

O Dr. José Galhardo, fala a «CINE-JORNAL»:

EM Portugal, e pelo menos até à data, a gente do cinema tem sido, recrutada quasi na sua totalidade, entre a gente de teatro. E, em nosso entender, provado está não ser de todo desacertada esta teima dos nossos realizadores.

O Dr. José Galhardo, herdeiro, com seu irmão, dum nome ilustre do Teatro Português, — o do brilhante escritor Luiz Galhardo — já escreveu os diálogos do filme «Caução de Lisboa», fez com o escritor Alberto Barbosa, a «dobragem» do filme «Grande Nicolaus», e, sabemo-lo, continuará dando ao Cinema, como ao Teatro, todo o seu esforço e toda a sua inteligência.

Dotado duma prodigiosa actividade, o Dr. José Galhardo, que, ao mesmo tempo trabalha em advocacia, faz comédias e revistas, é director da Sociedade de Escritores Teatrais e se multiplica em mil afazeres, é a «vitima» por nós hoje escolhida para esta entrevista. E, como bom camarada e amigo, presta-se, gentilmente, para o sacrificio.

E fazemos a primeira pergunta: — Não acha possível fazerem-se filmes portugueses com argumentos originaes, em vez de os ir buscar a velhos romances, já conhecidos?

O Dr. José Galhardo pensa um pouco, antes de responder:

— Claro que, a pouco e pouco, os nossos actuaes escritores — e outros novos que vão surgindo — ir-se-ão empenhando na técnica especial do «cenário» fonocinematográfico e será possível apparecer argumentos originaes com qualidades suficientes para garan-

(Conclui na pag. 12)



Dr. José Galhardo

Cine-Jornal

E LOGIO em boca própria — não fica bem a ninguém. Se «Cine-Jornal», nesta página, aparentemente cai nesse pecado, são outros, em boa verdade, os motivos que nos levam a falar do seu êxito, do seu triunfo absoluto e indiscutível.

Quando «Cine-Jornal» veio a lume houve quem duvidasse: «poderá ele manter a forma inicial?» A interrogação justificava-se amplamente. É vulgar, nas revistas, os dois ou três primeiros números serem bons — e outros cada vez mais fracos. Com «Cine-Jornal» não se deu o facto. De número para número, radica no público a boa impressão que o seu primeiro número lhe deixou. De semana para semana,



em



aumenta o interesse dos artigos. O cinema nacional encontra nele o seu melhor e mais desinteressado propagandista. Todas as notícias do nosso pequeno meio — têm sido divulgadas por nós. A colaboração da nossa revista é releccionada. Os seus artigos têm um interesse insuspeito — não são feitos «para encher páginas».

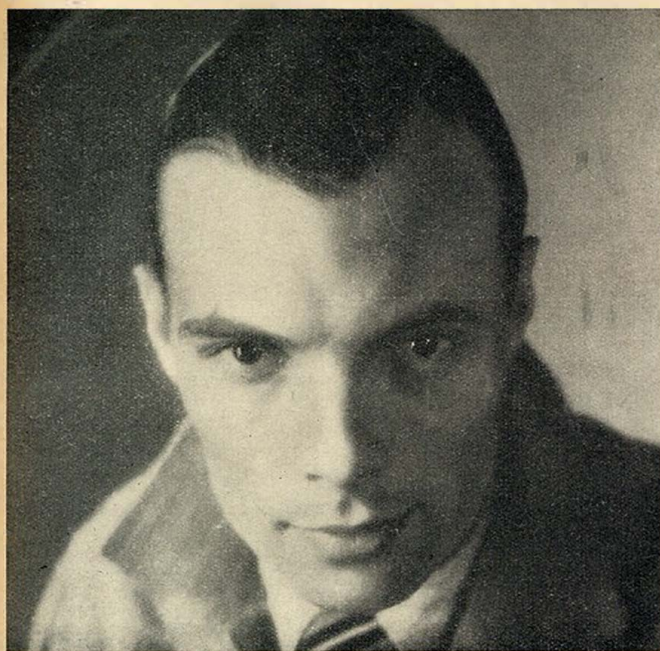
Entrevistas com vedetas estrangeiras; artigos assinados por nomes célebres; figuras da tela vistas por artistas portugueses — tudo isso tem dado «Cine-Jornal».

De toda a parte nos chegam incitamentos e aplausos. São o nosso orgulho — e o nosso estímulo! Há pouco, publicámos as fotos das principais vedetas

americanas dedicadas à nossa revista. Hoje, inserimos, nesta página, as fotos de duas das mais lindas vedetas da Cinelândia, folheando interessadamente nossa revista. Ao alto, Ann Loring, última revelação americana, que, ao lado de Warner Baxter, vai aparecer em *Robin Hood of Eldorado*. Em baixo temos Eleanor Stewart, que assinou agora com a Metro um contrato a longo prazo, e que vai aparecer em *Smile Town Girl*, com Janet Gaynor e Robe Taylor.

«Cine-Jornal» sente-se tisongeadíssimo com a ideia das duas simpáticas estrelinhas, que não podiam de facto enviar lembrança a que dêssemos mais apreço.

Hollywood



António Lopes Ribeiro

«REVOLUÇÃO DE MAIO»

Algumas notas inéditas sobre o filme que António Lopes Ribeiro vai realizar, por conta do S. P. N.

Em primeiro lugar: qual a orientação do filme?

Os técnicos e os artistas

Linha geral

António L. Ribeiro tem ideias assentes e definidas sobre este assunto. *Revolução de Maio* não será uma obra panfletária e brutal «à maneira» de *Polenkine de A mãe*. Tampouco terá o carácter heroico de *Camició Nero*. Não se inspirará também no figurino dos filmes congêneres hitlerianos.

Liberto de todas as influências, António Lopes Ribeiro vai realizar, acima de tudo, um filme susceptível de interessar toda a gente, e onde se não esqueçam aquelas qualidades espectaculares, que condicionam toda a indústria cinematográfica e especialmente a portuguesa.

Toda a acção decorre em Portugal, entre portugueses, que não pretendem ser «portugueses-típos», nem aspiram a representar o difícil papel de símbolos. São simples personagens que vivem ao sabor da história que o filme nos conta.

Outra afirmação categórica: ao contrário do que se poderá supor, não existe na obra a mais pequena evocação histórica. É um argumento de pura ficção, em que o único elemento real se condensa na obra e nos Homens do Estado Novo.

O argumento do filme é apenas o conceito do título.

Ficção e realidade

Como sempre sucede, circulam já os mais descontraídos boatos sobre o argumento. Neste caso particular, o assunto presta-se para todos os delírios de imaginação.

António Lopes Ribeiro não nos quis desviar do argumento. É mais: pediu-nos que desmentíssemos todos os que por aí circulam.

É que de facto, como ele diz, não há interesse comercial em o desviar.

O que se pode afirmar, desde já, é que não se faz qualquer paralelo, entre o que havia e o que está feito. As figuras movem-se livremente e têm por quadro as realidades de hoje.

No filme, serão aproveitadas algumas cenas já filmadas, como, por exemplo, os lançamentos de barcos — e isto porque não é possível repeti-los. A mais absoluta honestidade preside à realização deste filme que, no capítulo de realidades, se reporta apenas a realidades. Aí e só aí — é que o filme tem um carácter nítido e rigorosamente documental. Assim, nas cenas em que figuram os Homens e obras do Estado Novo, não haverá a mais pequena «mise-en-scènes».

O Exército e a Armada colaborarão no filme, segundo as exigências da acção.

Um pouco de história...

A iniciativa do S. P. N. foi discutida em todos os tons, ao sabor das ideologias de cada um e até dos interesses de meia dúzia.

Houve quem aventusse que melhor seria o S. P. N. dar o dinheiro a um produtor, para que esse, liberto da obseção do «comercial» realizasse uma obra de arte, ante a qual os estrangeiros ficassem cêcoras.

Pretendiam os que assim pensavam desculpar os defeitos de obras precedentes e até futuras (com a teoria peregrina de que um filme, para ser comercial, tem de abdicar das suas características artísticas e cinemáticas) e, ao mesmo tempo, levar a água ao seu moinho, resolvendo, momentaneamente o grande problema do cinema português: dificuldade de reunir capitais, para futuros filmes.

Afinal, prevaleceu a doutrina expendida pelo director do S. P. N. na entrevista que concedeu à nossa revista. O filme, sendo uma produção daquele organismo, nem por isso deixa de dar a sua contribuição à indústria nacional, uma vez que será utilizado o estúdio da Tobis e o material daquela firma.

A realização de *Revolução de Maio* foi confiada a António Lopes Ribeiro, que já prestou provas brilhantes em *Gado Bravo* — que se exhibe, actualmente, no Brasil, com um êxito enorme — e que é, sem dúvida, uma das pessoas mais conhecedoras do *milieu* e com mais apurado sentido do cinema, das suas leis e das suas exigências, artísticas e espectaculares.

Quir da sua boca alguns pormenores sobre o filme que vai encetar, mais do que indicado, parecia-nos imprescindível. E com essa intenção o procurámos no seu gabinete do S. P. N., onde dia e noite se entrega à «mise-aux-prints» dos trabalhos preliminares do seu filme.

António L. Ribeiro tem horror às entrevistas. Pela nossa parte, preferimos também a conversa amena, livre da pragmática da entrevista-chave, toda feita de perguntas de algebeira e relíquias. E assim o que vai ler-se não é mais do que um resumo daquilo que nos disse o realizador de *Gado Bravo*, a propósito do filme que vai encetar.

NO final do ano transacto, *Cine-Jornal* publicou uma entrevista com o director do Secretariado de Propaganda Nacional, a qual, pela categoria do entrevistado e pelas revelações que continha, alcançou foros de sensacional.

Foi a nossa revista a primeira a fazer-se eco do plano de acção da Secção Cinematográfica daquele organismo oficial, e, se esse facto constituía para nós motivo de orgulho, é com alegria que verificamos agora, volvido um escasso mês sobre as declarações feitas, que todas as promessas se transformaram em consoladoras realidades.

Com efeito, a Secção de Cinema do S. P. N. tratou já com as principais firmas estrangeiras da inclusão de actualidades portuguesas nos jornais respectivos, que as mesmas editam, e a Fox-Movietone virá a filmar, periódica e regularmente, ao nosso país. Mas de tudo isso, falaremos oportunamente.

«Revolução de Maio»

Entretanto, de todas as declarações de António Ferro, a que mais impressionou aqueles que se interessam por estes assuntos, foi, sem dúvida, a de que o Secretariado iria editar, em breve, um grande filme de propaganda nacionalista, para exaltar a acção e as obras do Estado Novo.

A realização dum filme é sempre uma tarefa pesada, que se não pode encargar com indiferença. No caso presente, além de todos os outros significados, tinha este: finalmente, e pela primeira vez, as entidades oficiais reconheciam o excepcional poder divulgador do Cinema, a sua força, como elemento de propaganda; a sua acção preciosa sobre as multidões — quando se trate de lhes expor o que se tem feito em prol do engrandecimento do país e do seu bem estar.

Houve quem acolhesse com cepticismo a notícia. «Mais um projecto», dizia-se. «Mais uma tentativa», afirmava-se. No entanto, os juízos de Cassandra falharam completamente. Encetados os trabalhos preliminares, há pouco tempo, o filme encontra-se estudado nos seus pormenores, e, como disseram os jornais, nos princípios de Março, devem iniciar-se os trabalhos no estúdio.

Querê dizer: *Revolução de Maio* é um facto!

O argumento é original de António Ferro e de António Lopes Ribeiro. Este tem ainda a seu cargo a planificação e a montagem. O operador será designado entre os três melhores «cameramen» alemães da actualidade. A seu lado, Octávio Bobone, que afirmou as suas qualidades na *Canção de Lisboa*.

Olavo Eça Leal, jornalista cinematográfico e crítico da Emissora, será o 1.º assistente do realizador. Engenheiro de som: Paulo Brito Aranha.

O dr. Félix Ribeiro, jornalista cinematográfico de comprovado merecimento, será o 2.º assistente, e Guilherme Pereira de Carvalho, o assistente geral. Augusto Soares tem a seu cargo a parte administrativa do filme.

Os trabalhos de laboratório serão executados nos Laboratórios da Lisboa-Film, e é possível que o seu material de registo de sons seja também aproveitado.

A acção decorrerá principalmente em Lisboa, Porto, Barcelos e outros locais do País.

O filme tem poucos interiores, e os que tem serão filmados nos estúdios da Tobis. Nessa altura deve estar *Bocage* em produção.

Embora os estúdios estejam cedidos ao S. P. N., António Lopes Ribeiro estudou já com Leitão de Barros, a possibilidade de utilizarem aqueles simultaneamente, sem o menor prejuízo para ambas as partes — e assim se fará no caso da Tobis e das entidades produtoras de *Bocage* chegarem a acordo sobre a cedência dos estúdios. Como se vê, tudo é possível — desde que haja boa vontade...

Quanto a artistas, é cedo ainda para citar nomes. Muito justamente, António Lopes Ribeiro entende ser desleal apontar nomes de candidatos, que porventura possam falhar nas provas a que vão ser sujeitos.

O artista indigitado para o papel de protagonista é um estreante em cinema, há muito retirado dos palcos. Quanto às outras figuras do elenco serão recrutadas, possivelmente, entre artistas teatrais que nunca fizeram cinema. É cedo ainda para indicar nomes, porque, neste momento, não há artistas que, em boa verdade, se possam considerar escolhidos.

Revolução Nacional

É já agora não queremos findar este artigo sem declarar que é com prazer que todos os que trabalham nesta casa vêm o regresso de António Lopes Ribeiro aos estúdios e que esperam que *Revolução de Maio* seja uma autêntica revolução... no cinema nacional!

FERNANDO FRAGOSO



Grande Amor de Charlot

Este é realmente o segredo de Chaplin e de toda a sua arte. Só na vida é que não sabe utilizar este processo. O seu temperamento impulsivo une-o hoje a Lita e amanhã a Nadia. E no fim, termina sempre da mesma forma: o escândalo, o processo, o divórcio e a pensão alimentar.

A carreira de Nadia

Miss Nadia foi para Los Angeles com o pai. O pai é um riquíssimo proprietário, possuidor dos terrenos de Tiflis e duma enorme parte do vale do Koura.

A filha, depois da revolução russa, estreou-se como cantora, mas no primeiro recital, dado em Los Angeles, não teve grande sucesso. Só um jornal de segunda ordem é que lhe reproduziu o retrato. Logo por sorte, esse jornal foi parar às mãos de Charlot que mandou chamar Nadia imediatamente.

Dinheiro, amor e glória

Não só o físico, mas também o talento da jovem cantora satisfizeram Chaplin. As provas de ensaio resultaram maravilhosas. Apresentou-lhe o contrato — diz-se que de 100.000 dólares — e adaptou o papel da protagonista do filme em que trabalhava à psicologia de Nadia.

A súbita ascensão desta encantadora caucasiana ainda ontem desconhecida — ascensão vertiginosa que só o cinema proporciona — produziu em Hollywood uma sensação comparável à notícia que anunciou um filme falado de Charlot; este tem sempre dito que não possui uma voz que se coadune com a personagem que criou na tela. E dêle esta frase: «A figura cômica que criei é diferente de todas as pessoas, necessita portanto duma voz também diferente».

Durante três anos ninguém conseguiu modificar-lhe esta opinião. Mas finalmente transigiu.

O santuário do grande cômico

A pesar da complicada e agitada vida sentimental, Charlot nunca perdeu da sua personalidade de homem trabalhador. O homem não matou o artista. Com uma vestimenta usada e vulgar e sem ao menos fazer a barba, Charlot Chaplin «mêleur-en-scène» está dias inteiros, fechado até altas horas da madrugada, no santuário do seu vasto estúdio, esse estúdio completamente diferente dos seus congêneres de Hollywood. Os outros têm todo o aspecto de oficinas-de-fazer-espetáculos e este parece e é unicamente o «atelier» dum artista. Inconscientemente, quando lá entramos, falamos mais baixo, como se estivéssemos num templo.

Só lá têm entrada os seus amigos. Entre eles o primeiro lugar é ocupado por Bergman, o «brutamente» que todos os admiradores de Charlot conhecem e cuja forte estatura contraste com a figura delgada do «pobre vagabundo».

O filme

«Tempos Modernos» há pouco apresentado com extraordinário sucesso na América, é o seu primeiro filme sonoro e falado. Charlot conserva a mesma personalidade, a personalidade genial que o popularizou. O cenário tem semelhanças com *A nous la Liberté!* de René Clair.

Como todos já sabem, o filme é um grito de revolta contra a máquina despersonalizadora. A acção é conduzida à maneira de Chaplin, com peripécias cheias de comicidade e de filosofia.

Tudo isto ligado por um fio amoroso em que Charlot como sempre, é incompreendido.

E na vida, Charlie Chaplin será melhor compreendido por Nadia Enigawily do que o foi Charlot no filme?



O mais volúvel dos homens está novamente apaixonado

CHAPLIN tem sido uma das maiores vítimas da popularidade e do sucesso. Nos lugares públicos, umas vezes olham-no como um fenómeno, outras vezes aclamam-no. Os jornalistas inventam processos maquiavélicos para conseguirem abordá-lo. É que Charlie Chaplin vive num isolamento proposital com meia dúzia de amigos e assim vai produzindo lenta e silenciosamente os seus filmes, os seus extraordinários filmes.

Além disto produz como quere e quando quere. «Tempos Modernos», por exemplo, intitulou-se primitivamente «Produção N.º 5» em virtude de Chaplin ter realizado quatro películas depois das «Luzes da Cidade»... Mas nenhuma delas foi exibida, pois não satisfaziam o espirito requintado do autor.

Charlie Chaplin casa-se de novo

Todos sabem que Chaplin nunca faz dois filmes com a mesma «parlanceira». Para seu próprio interesse, necessita trabalhar com novos artistas; procura sempre novas fontes de inspiração.

Desta vez escolheu uma rapariguinha de 17 anos, uma russa chamada Nadia Enigawily, que dum dia para o outro passou de figurante para estrêla de renome mundial, com o nome de Paulette Godard.

Charlie Chaplin que através da sua obra parece uma pessoa calma e prudente, esse Chaplin de cabelos grisalhos está, segundo consta, para se casar mais uma vez. Nem o processo que lhe levantara Lita Grey, nem as cruéis decepções sofridas com essas rapariguinhas muito jovens que tem amado e desposado em série — quem poderá citar todos esses nomes? — nenhum desses disabores o intimidam.

Actualmente anda encantado com Nadia, que dizem ser filha dum emigrado russo extremamente rico e que há poucos meses deixou Paris e embarcou para a América no meio duma multidão anónima de figurantes dentre a qual a vivacidade de Chaplin soube apresentar-se duma maneira original. «Eu sou Chaplin, uma figura cômica que faz rir toda a gente. Eis a minha grande virtude. O meu talento reside em saber misturar as coisas da vida de maneira que uma cena dramática provoque um sorriso, e uma cena cômica provoque ternuras».



Eleanor Powell, a maior revelação dos últimos dois anos!!!

MARAVILHOSA

uma rapariga que canta e que dança como ninguém!!!



o mais deslumbrante filme da temporada!!!...

PARADA

a magia da dança... a magia da música...



novos ritmos... novas danças... novas vedetas...

DE 1936



AS imagens que ilustram esta página são eloquentes e elucidativas. Só por si, dizem-nos toda a beleza, todo o encantamento, toda a maravilha desse filme assombroso que é *Parada Maravilhosa de 1936*. Depois de tantas «féeries» que a tela nos tem dado, depois de tantos espetáculos em que a sumptuosidade e o bom gosto correm parelhas — *Parada Maravilhosa de 1936* consegue renovar inteiramente o género.

É algo de novo na tela! Pela primeira vez, a palavra deslumbramento teve verdadeiro significado. É impossível assistir indiferente a tão assombrosa parada de maravilhas. E depois, o filme tem outro atractivo: Eleanor Powell!

Eleanor Powell é a última palavra em vedetas da tela. Canta e dança, como nenhuma. Irradia beleza e simpatia.

Quando baila, parece que voa. É sublime!

É a «maravilha n.º 1» desta parada de encantamento, que nos revela novos ritmos, novas personalidades, novos «gags», novas combinações coreográficas.

É um filme tão novo que antecipa um ano! Uma obra prima saída dos estúdios da Metro, tornada possível graças à magia do Cinema!

Ver *Parada Maravilhosa de 1936*, admirar os seus bailados que encantam, assistir à revelação de Eleanor Powell — é a sensação máxima que a Metro e o São Luiz reservam para breve aos seus frequentadores!

Decorem estes nomes: *Parada Maravilhosa de 1936* e Eleanor Powell — pois não perderão o seu tempo!



Crónica da Semana

ESTAS agências de publicidade americanas! Parece que andam apostadas em cobrir o cinema de ridículo. Agora lançaram aos quatro ventos a surpreendente novidade: Jean Harlow deixou de usar o cabelo platinado... E eis todos os meios de comunicação modernos a transmitir febrilmente o acontecimento. E o público lê e ouve e não deixará, por certo, de fazer os seus comentários. Porque, embora pareça que não, a puerilidade merece comentário.

Na América há três instituições de respeito: o «récorde», o «gangster» e a publicidade, constituem, ao mesmo tempo, autênticos «récorde» nacionais.

Do «gangster» já tivemos ocasião de falar aqui. Cabe agora a vez à publicidade. Para o «récorde» é que eram precisas as páginas todas do «Cine-Jornal» e teria de haver ainda continuação, como nos folhetins. Porque os há de qualquer género. Desde o homem que, em todo o mundo, esborraça com mais força as vendas a outro, até ao número de atropelamentos ocorridos dentro de 24 horas ou de cartões de mão recebidos por um Chefe de Estado. Todos esses títulos estão na América, pertencem a cidadãos americanos. O seu a seu dono.

A publicidade, como o «récorde» também, é uma simpática manifestação do labor do homem. É por ela que tomamos conhecimento de um sem número de indicações valiosas. Põe-nos ao corrente onde se encontra aquilo de que necessitamos, corrige os preços, defende-nos de alguns perigos da vida, e tudo isto gratuitamente e dando a toda a gente, ainda por cima, roda de Vossa Excelência...

Mas há publicidade e charlatanice. É de bom gosto sempre evitar-se o ridículo. Isto de se anunciar como a maior maravilha do século XX um remédio para malar ratos ou reclarar, como o assombro das multidões, a última novidade de canetas de tinta permanente, é falta de senso e de caridade para com o público.

No caso particular do cinema, daqui acuso solenemente a publicidade de ser a maior responsável da falsa reputação que ele adquiriu de fútil, de ócio, de manifestação artística para menores de inteligência.

É realmente haveria razão de assim supor-se se acreditasse que o público frequentador de cinemas tivesse lido com avidez, aborçadamente, a notícia de que Jean Harlow tingiu os cabelos!

Mas isso seria uma flagrante injustiça, equivaleria a sancionar o erro das agências de publicidade que medem a mentalidade do público por uma bitola por demais baixa.

É triste confessar que meia dúzia de senhoras cinefílicas seguiu, logo que dela

leve conhecimento, a moda lançada pela actriz. Mas o prestígio da moda pode muito e as excepções só existem para confirmar a regra. E esta é a de cada qual ler os cabelos da cor que Deus lhes deu. Se há alguém que deseje parecer-se com a Jean Harlow não se rejei eu que a contrarie, mais não seja porque quem logo nasce, tarde ou nunca se endireita.

Se a publicidade nos fez este nome — e era o que ela pretendia, fôsse lá como fôsse —, não conseguiu, no entanto, acrescentar a este êxito dos seus serviços este outro de convencer a gente de que se trata de uma grande artista.

Todos nós já a vimos e julgo que Jean Harlow a todos deixou convencidos de que nunca dará mais do que «aquilo».

Com esta apreciação quero eu desmentir alguém que julgasse que esta crónica não passava de um «bluff», de bom estilo americano, forma hábil de arranjar pretexto para falar de Jean Harlow.

Mas, afinal, mesmo dizendo mal, não estarei eu a fazer publicidade?...
ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

OS FILMES DE TERROR

É interessante anotar a curiosidade, a verdadeira paixão, o grande entusiasmo que os filmes de terror, as obras de grande emoção, suscitam numa certa classe do público, numerosíssima falange, a ponto de transformarem obras mediocres em ruidosos sucessos.

Pelo que temos observado nesta cidade, o êxito dos filmes de terror não são filhos do espirito doentio, mórbido, desse público, ou que muitos querem ver nesse público, mas, apenas, a lógica consequência das extraordinárias possibilidades na técnica cinematográfica contemporânea.

Não há ninguém que não se tenha impressionado ao ler um conto fantástico, um romance passado em regiões que só uma audaciosa fantasia pode criar, sem que isso deixe de constituir unicamente um mero e inofensivo passatempo. Ora se o cinema, presentemente, realiza de forma impecável, com a grande verdade convencional da arte, todos esses poemas de fantasia; se patenteia com uma perfeição assombrosa, ante o olhar do público, todas essas obras que tanto o entrem — é absolutamente natural que os filmes que impressionam pelas emoções violentas, conquistem, com facilidade, a simpatia e os aplausos do público.

De resto, as pessoas mais facilmente

Carta do Porto

impressionáveis, têm sempre como antidoto à pressão que nos seus nervos possam exercer essas produções, a certeza que, do que vêem à verdade, vai um grande passo, que o público, na sua linguagem pitoresca, traduz numa frase muito corrente.

Por isso é que hoje, como há vinte anos, os filmes das grandes emoções conquistam o pleno agrado da maioria dos espectadores, demais constituindo, presentemente, paradas de beleza, a maior parte das vezes realizadas com deslumbramento e grandiosidade.

O MAIS ANTIGO CINEMA DO PORTO

No próximo dia 29, festeja o cinema Batalha, o mais antigo e popular cinema do Porto, o seu 29.º aniversário.

Três décadas conta a curiosíssima casa de espectáculos por onde têm passado todas as gerações cinefílicas desta cidade. Com características próprias, inconfundíveis, este popular salão tem sido, através de todos os tempos, a verdadeira escola de instrução primária do cinefílo tripeiro.

Para este dia de festa, comemoração simpática a todos e a todos os títulos, o seu activo secretário José Figueirôa, figura muito querida e popularíssima, prepara um programa curioso e atraente.

Coincidindo este dia com o da 50.ª exibição, neste cinema, do filme português «As pupilas do sr. Reitor», será, no átrio do Batalha, prestada uma curiosa homenagem a Leitão de Barros, sincera consagração do cinema nacional, iniciativa que tem merecido os mais francos elogios.

Não só devido à popularidade, franca e justa popularidade, do velho cinema, como a simpatia que usufrue o seu estimado secretário, como também a justiça da homenagem que se prepara, é natural que essa festa, que tem suscitado grande interesse, constitua a maior parada dos cinefílos desta cidade.

PELAS NOSSAS TELAS

No Cinema Trindade, exhibe-se presentemente, e com invulgar êxito, o interessante filme «Véspera de Combates», com Annabela, Victor Franzen e Signoret.

— No São João, está sendo projectado com sucesso a curiosa produção «Variedades», com os populares artistas Annabela, Fernand Gravey e Jean Gabin.

— No Águia de Ouro, vemos esta semana a interessante película «O homem sombra», com William Powell e Myrna Loy.

— O Olimpia apresenta-nos a emocionante fita «O raio da morte», com o malogrado aviador Willy Post, e em «Eripse» o encantador fonofílmico «Nas asas da canção», com a inimitável Grace Moore.

— O Rivoli exhibe a curiosa produção «O lobo humano», com Henry Hull e Warner Oland.

— Na próxima semana teremos «Anny endiabrada», com Anny Ondra, no Águia de Ouro; «Zu-Zu», com Josephine Baker e Jean Gabin, no Trindade, e «O grande circo», com Harry Piel, no Olimpia.

CARLOS MOREIRA

A polícia e os bombeiros tiveram que intervir na «première» mundial de "TEMPOS MODERNOS" o novo filme de Charlot



Nova-York, 6 de Fevereiro. — Ontem à noite, em plena Broadway, potentes holofotes iluminaram a fachada do Rivoli. A multidão comprimida à sua frente e acotovelava-se nas artérias vizinhas. Os curiosos afluíam, como autênticas vagas humanas.

Este movimento justificava-se. Em soirée de gala, o luxuoso cinema nova-yorkino, apresentava, pela primeira vez, no mundo inteiro, *Tempos modernos*, o mais recente filme de Charlie Chaplin. Os longos períodos durante os quais

o grande artista parece afastado da tela, esta espécie de desapareções, não lhe afectam, de longe sequer, a sua popularidade e o interesse do público. Não obstante o elevado custo dos bilhetes — o pior lugar da sala custava mais de 100\$00, em moeda portuguesa — a casa há muitos dias que se encontrava totalmente passada.

Os que não tinham conseguido bilhete, vinham ver os outros entrar — o

(Conclui na pag. 14)



das suas camaradas, na escola, pelas veladas da tela, era tal, que começou a interessar-se também por esse mundo novo que descobrira.

Dia a dia, o cinema conquistava-a. Passou a dedicar-se de alma e coração à aula de arte de representar. Classificou-se no número das primeiras. E nas férias grandes conseguiu que sua mãe a deixasse tomar parte num filme como figurante.

«A Marcha Nupcial»

Cheia de esperança dirigiu-se ao *gui-chel* do *casting-director*. Um senhor amável atendeu-a, para lhe dizer que «neste momento, não precisavam de ninguém... Ficou desconsoladíssima. As lágrimas bailaram-lhe nos olhos. Um dos magnates do estúdio, que lhe falou,

em seguida, prometeu interessar-se pelo seu assunto...

O primeiro filme chegou. Teve um papel modestíssimo. Figurante anónima, e um dia de trabalho. Mas foi o começo. Tomou parte a seguir em farças em duas partes. Mais tarde, a «Universal» ofereceu-lhe um contrato para uma série de «westerns».

Fay, nessa altura, como inexperiente que era, sonhava, apenas, com os dramalhões, com papéis de fazer chorar as pedras da calçada. Teve sorte. Stroheim, nessa altura em plena glória, filmava *A Marcha Nupcial*. Viu a face cândida de Fay Wray, os seus olhos inocentes e puros! E deu-lhe o principal papel desse filme.

Fôram duras as filmagens da *Marcha*

(Conclui na pág. 14)

Fay Wray

a vedeta
favorita
dos filmes
de terror...

A pobre Fay Wray não tem sorte: linda, doce, encantadora, está condenada, por um estranho destino, às mais bizarras aventuras do cinema... Para ela, não há sorrisos, não há prazeres, não há danças... De vez em quando, um bocadinho de amor! Mas tão pouco...

Não, a carreira de Fay Wray não é um rosário de aventuras românticas, de aventuras cor-de-rosa... É uma cadeia de cenas terroristas. Ter medo, gritar — eis o passado desta rapariga encantadora.

A Descoberta do Novo Mundo...

Nasceu no Canadá, a 16 de Setembro de 1907, e, no Canadá, na quinta de seus pais, viveu a sua infância. Até aos 13 anos nunca ouvira falar no cinema. Mas, nessa altura, abandonou a terra natal por Salt Lake City, e pouco tempo depois, seguiram para Hollywood.

Fay, nessa altura, era uma garota sem importância.

Nunca até então, como disseram, ouvira falar no cinema, mas o entusiasmo





Lie Dagover, uma das mais lindas vedetas alemãs

CARTA DE BERLIM

A ACTIVIDADE NOS ESTUDIOS ALEMÃES

POR informações prestadas nos estúdios da Ufa pelos seus directores de produção sabe-se que esta empresa cinematográfica tem já muito adiantados os últimos filmes da temporada de 1935-1936, estando também a preparar os primeiros filmes da próxima produção.

Um dos estúdios está presentemente ocupado com o novo filme de Peter Ostermayr «Schloss Vogelöd», Max Obal, o director de cena, tenciona partir nos próximos dias para Munich, com o seu grupo de artistas formado por Carola Höhn, Hildegard Sessak, Walter Steinbeck, Hans Stüwe, Hans Adalbert von Schlettow, a-fim-de manivelar exteriores, num dos lagos gelados da região bávara. Aliás, o gelo e a neve são presentemente os requisitos cinematográficos mais procurados, tanto assim que foi preciso erguer decorações especiais nos estúdios para o outro filme «Weiberregimente», do produtor Karl Ritter, devido à inesperada falta de neve, nos últimos dias.

O director de produção Mohrbutter, por sua vez, precisa de sol e neve para o seu novo filme «Waldwinter». O grupo produtor segue em Fevereiro para os montes de Kynsburg, na Silesia, onde o escritor Paul Keller escreveu o romance subordinado àquele título. Kurt Braun e Fritz Peter Buch escreveram o argumento; Peter Buch é também o director do filme que será interpretado por Hansi Knotock e Victor Staal.

O director Greven, que terminou nestes últimos dias o seu novo filme «Heisses Blut», com Marika Röck e Hans Stüwe, sob a direcção de Georg Jacoby, ocupa-se também de vários projectos

em que as paisagens de inverno parecem vir a ter um papel predominante. Desses projectos sabe-se apenas que será manivelado um novo filme «Stadt Anatoli» (Cidade de Anatólia), cujo enredo está há muitos anos como que à espera de realização cinematográfica. O mesmo produtor pensa em manivelar, para a próxima temporada, um grandioso filme nacional.

Gustav Ucicky estuda actualmente os preparativos para um novo filme com Hans Albers «Savoy 217», com uma acção que decorre na Rússia ao tempo em que Renoir e Manet traçavam as novas directrizes da arte europeia. O segundo filme que Hans Albers interpretará é «Kameraden» cujo cenário é a legião estrangeira espanhola.

Max Pfeiffer, outro produtor da Ufa, terminou entretanto os preparativos para «Boccaccio» que será o seu último filme na produção da temporada corrente. Depois de «Liebeslied» o «Schwarze Rosen», esse filme será sem dúvida um dos maiores êxitos do conhecido chefe de produção.

«Boccaccio» será interpretado por Willy Fritsch, Heli Finkenzeller e Albrecht Schoenals, sob a direcção de cena de Herbert Maisch, cujo filme «Königswater» foi um dos grandes êxitos da temporada. Max Pfeiffer está também a preparar, mas já para a próxima temporada, uma nova cineoperação «Bellestudien» e um novo filme em que Lilian Harvey desempenhará o papel principal.

Bruno Duddy, que ainda há pouco lançou o seu filme «Höherer Befehl» está a preparar uma nova produção

com o título de «Schlussakkord», cujos intérpretes principais serão Käthe Gold e Willy Birgel. O enredo fundamenta-se num tema de maternidade. Willy Birgel encarna o papel de um maestro célebre: é uma interpretação que parece estar destinada a este grande artista, que em tão pouco tempo se tornou conhecido na tela.

Entre os filmes encomendados pelo departamento distribuidor da Ufa, vão muito adiantados os projectos dos produtores Ulrich e Dr. Krüger. O produtor Ostermayr está representado na nova produção com quatro novos filmes, o primeiro dos quais é «Standschützen Brüggler» cujo enredo decorre no Tirol durante o primeiro ano de guerra com a Itália. Os atiradores (Standschützen) defendem a sua pátria entrancheirados nos pinheiros das montanhas da fronteira. O autor do romance é o Conde Bossi Fedrigotti, que escreverá também o argumento do filme. A produção encomendada compreende uns 13 a 15 filmes, para os quais já se fixaram os enredos ou se aprontaram já os argumentos, circunstância esta que representa um esforço apreciável.

A impressão geral que se obtém depois de consultados os directores de produção da Ufa é a de um grande optimismo que a indústria cinematográfica alemã.

Berlim, Fevereiro, de 1936.

M. B. SANTOS E SILVA



Marika Röck, a vedeta de «Heisses Blut»

Ler Cine-Jo nal, é andar a par do progre. so da cinematografia mundial

Os escritores de teatro e o cinema

(Conclusão da pag. 4)

tirem o êxito necessário à nossa por enquanto tão pobre indústria.

Sim, porque a indústria fonocinematográfica portuguesa não aguenta, por ora, dada a sua limitada base financeira, com o risco dum só fracasso. Você imagina o que será para qualquer firma nacional o falhanço dum filme desses que custam mil e quinhentos ou dois mil contos? Sei que tem sido essa a principal razão que tem levado os orientadores da execução dos primeiros filmes sonoros portugueses a defendê-los por lódas as fornias, encostando-se a:

Títulos e argumentos de obras consagradas;

Interpretação de artistas de renome; Argumentos populares — e, por consequência, mais comerciais.

Quando pudermos produzir filmes mais artísticos, mais intelectuais, com artistas propriamente «de cinema» e argumentos originais — isso quererá dizer que a indústria estará firmada entre nós — o que deve ser o desejo de todo o bom cinéfilo....

Mas, — insistimos, — vê dificuldades em encontrar quem escreva os referidos argumentos?

Dificuldades, — responde-nos prontamente o nosso entrevistado, vejo as que derivam de estarmos todos ainda muito «verdes» — visto que só agora se começam a formar entre nós profissionais das diversas actividades cinematográficas. De facto, até há pouco, só tem havido por cá amadorismo. Portugal ainda se mantém no chamado «período heróico» do Cinema...

Sorrimos, a concordar com o «período heróico» e continuámos:

— Que pensa do Cinema, como meio de propaganda do nosso país?

A resposta é rápida e sincera. José Galhardo parecia ter vontade de fazer esta afirmação:

— A propaganda de Portugal pelo Cinema, será ótima, — desde, é claro, que os filmes sejam bons...

— Sobre desempenho? Acha preferível artistas de teatro ou estreantes?

(Devemos dizer que tínhamos bastante interesse em fazer esta pergunta. A nossa gente de teatro deve gostar de ver a resposta a ela dada por uma pessoa com a autoridade do Dr. José Galhardo).

— Estreantes, — diz-nos ele — só por acaso se podem revelar vedetas. Lilian Harvey, Anabela e tantos outros artistas, marcaram passo durante anos. Começamos pelos de teatro, porque têm já qualquer espécie de experiência. Não-de ser os pequenos papéis e a execução de muitos filmes que farão surgir naturalmente os artistas «propriamente de cinema», como tem acontecido em toda a parte. Nas «Pupilas», por exemplo, não se revelou Maria Castelar? Outros aparecerão, tenho a certeza.

— Pensa que o Cinema será, de futuro, uma coisa interessante para os nossos escritores de teatro?

— A técnica literária de cinema é diferente da de teatro. Posso afirmá-lo por experiência, visto que já trabalhei nas duas modalidades artísticas. O que é preciso é que apareçam escritores com técnica e com talento, venham lá donde vierem. O Senhor de La Palisse não afirmaria outra coisa com certeza...

E, já a despedirmo-nos, quisemos fazer a José Galhardo uma pergunta embaraçosa:

— Quais os escritores de teatro que julga adaptáveis ao Cinema?

Mas ele defende-se, hãhãhãhãhã:

— Meu caro amigo, não me quero zangar com aqueles cujos nomes ouvir...

ANIBAL NAZARÉ

GEORGE Cannons. Nunca ouviram falar dele, não é verdade?! E, no entanto, em Hollywood, George Cannons é um dos homens mais queridos e mais respeitados por todos. A própria Greta Garbo se o vir, na rua, deter-se-á para lhe falar, e conversará com ele durante alguns instantes com uma amabilidade insuspeita.

Quem é, na realidade? Um homem muito simples, muito modesto, mas que se pronuncia sobre todas as vedetas de cinema. Cannons é o fotógrafo das estrelas da Cinelândia. Todas essas lindas americanas, que vos fascinam, cujas linhas vos encantam, foram fotografadas por George Cannons. Ele corrigiu-lhes, no início, todos os pequenos defeitos físicos que revelavam. Compreende-se por isso, agora, a estina que todas as vedetas lhe consagram. Em parte, o seu êxito depende dele, que faz duma mulher bonita uma mulher Bela!

George Cannons tem um mundo de recordações. Todas as figuras da tela, passaram ante a sua objectiva.

Quando lhe perguntam curiosamente: «que lhe parece fulana?», responde quasi sempre: «Vi sempre as vedetas da tela mais como pacientes do que como grandes vedetas. A primeira vista, quando assim falo chega a parecer sa-sacerdote libertar as vedetas do halo de sonho que as rodeia. Quem como eu as conhece bem, não as pode ver doutra forma.

As «girls» de Mack Sennett

Quando comecei a trabalhar em Hollywood, não principiei logo, evidentemente, por fotografar as grandes vedetas. Fui agregado à «troupe» de Mack Sennett que ficou célebre pelas famosas «leathing beauties» e pelas batalhas com tortas de creme. No entanto, tive a sorte de deparar, nessa «troupe», três pequenas que não tardaram em dar que falar: Carole Lombard, Sally Eilers e Gloria Swanson.

A primeira vez que fotografei Carol Lombard, nunca supuz que ela se viria a tornar numa celebridade da tela. Era gorda, fornida e recordo-me ainda do trabalho que tive para disfarçar, na foto, as suas côxas.

O caso de Sally Eilers foi diferente. Havia sido contratada como figurante. Mas, no fim do filme, promoveram-na a vedeta. Mandaram-na para que a fotografasse. Nessa altura era já uma mulher encantadora, salvo quando sorria, porque tinha a pior dentadura que se possa supor. Os dentes não eram feios, mas não estavam alinhados. Um bom dentista, porém, tomou o caso a peito e salvou Sally daquele capricho da natureza.

O caso de Dolores del Rio

Quando comecei a tornar-me conhecido, tive muitas vezes que dar a minha opinião, para ajudar uma vedeta a triunfar. Um dos casos mais curiosos passou-se com Dolores del Rio.

Edwin Carewe tinha descoberto Dolores no México, durante a sua lua de mel. O que prova que ele não se interessava já nessa altura pela mulher — de contrário não olharia para as outras. Levou-a para Hollywood, para a filmar imediatamente. Dois filmes: dois insucessos! Essa face de que Carewe esperava uma expressão suprema de beleza dava na tela apenas — permitam-me que diga — uma expressão suprema de idi-

OS PEQUENOS DEFEITOS DAS GRANDES VEDETS

VISTOS PELO FOTOGRAFO GEORGES CANNONS

lice. A boca enorme era inexpressiva. Os olhos «não tinham nada lá dentro» e a face, mal definida dava, ao todo, a sensação penosa do desconsólo.

Edwin Carewe trouxe-a. Antes de partir, para terminar a lua de mel, entregou-ma. Tinham-na obrigado a «posar» demasiadamente — foi a minha primeira conclusão. A naturalidade havia sido arredada para longe. Como estava metamorfoseada! Tinham pretendido corrigir-lhe a boca, os olhos — e tudo era falso e artificial. Procurei dar-lhe a personalidade que lhe faltava e consegui inteiramente.

O sonho de Anna May Wong

Anna May Wong tinha uma única ambição — tornar-se numa vedeta «branca».

A sua linda face de chinesa desgostava-a e pretendia entregar-se aos cuidados dum cirurgião estético que lhe destruísse os estigmas da raça. Tudo isto me contou, durante mais de meia hora, quando me foi ver. Fotografei-a 109 vezes, numa tarde.

Foi um suplicio, que valeu a pena. Dias depois, estudado o tipo que lhe convinha, chamava-a ao estúdio — e dava-lhe a face com que se celebrou.

O nariz de Jean Harlow

Jean Harlow procurou-me num domingo de manhã, para a fotografar. Sentei-a, em frente à máquina e começámos a conversar. Entretanto, observava-a, para descobrir o «ângulo», sob o qual a convinha filmar. Alturas tan-

tas, Jean perguntou: «Então?! Quando vamos ao retrato». «Pode ir-se embora, quando quiser! Já a fotografei!». Tinha-a, de facto, apanhado de surpresa.

No dia seguinte, àquele em que mandei as provas, recebi uma carta da mãe de Jean, a agradecer-me a atenção que dispensara à filha: «Está linda! Tal e qual o que ela é».

Simplemente, notara que o seu nariz se desviava mais para a esquerda do que seria para desejar — e fotografei-a sob um ângulo que eliminou tal defeito.

A face ideal de Janet Gaynor

Fotografei Janet Gaynor muito tempo antes dela interpretar o seu famoso *Sétimo Céu*, que a devia consagrar. Prometiera a sua fotografia a um jornalista, que a ia publicar e estava entusiasmadíssima com essa ideia.

Nunca vi face tão harmoniosa como a de Janet. Os olhos, a boca, o nariz, as nuças do rosto, e o queixo são feições perfeitíssimas — num conjunto impecável. Fotografei-a foi um prazer e não tive que queimar a cabeça a estudar jogos de luz, para lhe disfarçar defeitos.

Como estilizei o Crawford

Joan Crawford procurou-me, pela primeira vez, quando se encontrava ainda em plena ascensão. Tinha uma face linda, onde se destacavam dois olhos enormes. E tão grandes que tratei de os pôr em destaque. Não contava, porém, com o que se deu: a boca, que antes, me parecera equilibrada, surgiu, agora, grande e feia. Tive que a modificar, para a pôr em relação com os seus olhos. Estilizei-a pois — e foi assim que nasceu a Crawford de hoje, que é sem dúvida a vedeta, que tem a face «mais trabalhada, sem que pelo facto haja perdido a sua personalidade».

As pestanas de Loretta Young

Loretta Young é a vedeta-tipo da «girl» americana. Era a mais desengaçada das garotas, quando a vi pela primeira vez. Tinha o lábio superior defeituoso, o nariz arrebitado. Mas as pestanas! Oh! as pestanas! Deu-me um trabalho mas consegui modelar o conjunto, de forma a tornar Loretta Young, num modelo vivo, duma graça ingénua.

Ser bela!

Os dentes de Sally Eilers, a boca de Joan Crawford, os olhos de Anna May Wong, as pestanas de Loretta Young! Mil e um pormenores, aparentemente insignificantes, mas que, corrigidos, contribuíram para tornar as estrelas no que hoje são!

Lembrar-se a gente de que poderiam ter sido o seu calcanhar de Aquiles!

GEORGES CANNONS



Marjorie Lane, cantava no Cafe Trocadero, de Hollywood. George Cannons descobriu-a e soube valorizar a sua esplendorosa beleza



Pola Negri, a famosa vedeta, reaparece mais bela do que nunca, em «Mazurka», de Willy Forst

A première mundial de «Tempos Modernos»

(Conclusão da pag. 10)

que não deixa de ser uma curiosa situação «à Charlie»...

Para ver Chaplin, em carne e osso — que todos esperaram em vão — para ver as suas vedetas favoritas — a multidão que todas as noites enche os cinemas de Nova-York comprimiu-se nos passeios. Dentro em pouco, deram-se sérios conflitos com a polícia, que mantinha os espectadores a distância. Como a situação se complicasse, foram chamados os bombeiros, que, com as suas mangueiras, resolveram, à força de jatos de água, dominar estas situações...

Finalmente, a sessão iniciou-se, com cinquenta minutos de atraso. Na sala, as mulheres ostentavam preciosas «toilettes». Os homens, vestiam casacas. O traje de gala era de rigor. Entre a assistência, numerosas personalidades da tela: os Fairbanks, pai e filho, Will Hays, Eddie Cantor, Gloria Swanson, Ginger Rogers, Edgard Robinson, Corinne Griffith, Fred Astaire, Kay Francis, James Cagney, etc.

O novo filme é digno dos vinte filmes, de tema semelhante, que o precederam. Charlie aparece-nos, novamente, como o eterno vagabundo, como a eterna vítima da maldade dos homens. Charlie sempre deslocado, cheio de intenções generosas, ante os egoísmos do mundo. Charlie poeta...

Operário dum fabrica ultra-moderna, trabalha aí, como um autómato, até o momento em que enlouquece. Curado — a loucura de Charlie é loucura? terá cura? — é posto na rua. E sucedem-se as peripécias onde o cómico e o trágico se dão as mãos. «Leader» comunista, Charlie é preso, a despeito da sua ino-

cência. Será preso novamente por roubar pão. Aparece-nos depois, como guarda-noturno dum armazém de vinhos. Mas a fatalidade persegue-o: embebedado-se...

Um raio de sol brilha, de vez em quando, na negrura do ambiente. Charlie encontra uma rapariga (é Paulette Godard, quem desempenha o papel). Ama-a e dedica-se-lhe. É ela quem descobre «os paraísos», um pardieiro miserável, nuns terrenos abandonados, onde estarão em sua casa, e onde se poderão amar...

Mas são forçados a abandoná-lo. Sentada num talude, junto de Charlie, Paulette chora. Ele, então, aponta-lhe a estrada branca, que se estende a perder de vista. Seguem os dois, de mão dada, para o infinito, com os olhos, esperanças, postos no futuro.

O filme é mudo, salvo no que toca à sonorização de alguns ruídos e passagens musicais. Charlie dança e canta uma única vez! É assombroso!

O público acolheu esta obra de diversas formas. Muito embora reconheça a marca incontestável do génio de Chaplin, censura-lhe o facto de ser, como nunca, um revoltado. Criticam a inauguração da obra e as tendências políticas, vizinhas de comunistas e não admitem de bom grado o seu ódio, nunca tão patentizado como neste filme, à polícia e aos magnates da indústria.

Isto não quer dizer que estes mesmos pontos visados não sejam louvados por muitos outros. A personalidade inconfundível de Chaplin e as lindíssimas pernas de Paulette Godard é que ninguém discute. São verdades evidentes e incontestáveis. — (E.).

FAY WRAY

(Conclusão da pag. 11)

Nupcial, mas compensadoras! O papel da doce Mitzi, pôs o seu nome nas asas da fama. A Paramount ofereceu-lhe um contrato. E mais filmes vieram.

Fantasma e monstros

O mudo ainda lhe ofereceu boas oportunidades. Ao lado de Jannings, tomou parte em *Pecados dos Pais*. Com Gary Cooper, fez *A Legião dos Condenados*. Até aí, representa papéis simples. Mas o reino do terror, aproxima-se.

Porquê essa estranha especialidade? O facto deve-se sem dúvida à «vocação» excepcional revelada pela vedeta, para gritar. É o fim, ou o princípio.

Os espectros e os monstros de *O Malvado Zaroff*, de *King-Kong*, *Máscaras de Cêra*, o *Doutor X*, *The Vampire Ball*, etc.

Nenhuma outra artista contracenou com tantos fantasmas. E ninguém lhe perdoa... No seu último filme, *Alias Bulldog Drummond*, ainda que o tema esteja tratado de forma risonha, há momentos de mistério e de terror, onde ressoam ainda os gritos horripilantes de Fay Wray...

Obscurecida por todas essas visões, Fay procurava livrar-se de mais filmes nesse género. Não queria ser a vedeta dos filmes de terror! E como Myrna Loy, conseguiu libertar-se, pouco do pouco dos papéis, em série, num género único, que, em regra, lhe distribuíam. Vimo-la já em *Viva Villa*, na figura dum alviva mexicana; nos *Amores de Cellini*, onde encarnava uma apaixonada e frívola donzela da Renascença, etc.

Actualmente, em Londres, filma a continuação do último filme que cita-mos.

Na vida real...

Fay Wray, na vida real, tem um lindíssimo cabelo loiro e olhos azuis. É «mignonne» e muito feminina.

Casada em 1928, com o escritor John Monk Saunders, vive pacatamente em Hollywood, feliz no seu lar — cansada provavelmente de tantas e tão agitadas aventuras. É uma desportista de primeira categoria, sobretudo no «tennis», na natação e no «golf». É campeã de «ping-pong» e venceu já os melhores jogadores da Cinelândia: Ronald Colman, Richard Barthelmess, Jesse Lasky e Jascha Heifetz.

Segue um regime rigoroso, para manter a linha. Encantadora e simples, não é vaidosa até à toleima, nem simples até ao desmazelo. É sossegada, digna e graciosa! Gosta de trabalhar e entende que os melhores colaboradores dos artistas são os técnicos apagados (electricistas, carpinteiros, etc.) que estima sinceramente:

«Se eles simpatizarem com o artista — diz ela — tudo parece correr melhor. Não há as repetições e as más vontades que enervam e, antes pelo contrário, é num ambiente consolador de camaradagem que tudo se desenrola».

Estas palavras definem a artista, como mulher sensata, simples e encantadora que é!

L. E.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Como As Bonitas Enfermeiras



Branqueiam a Pele

As enfermeiras sabem que o Creme Tokalon, Cór Branca (não gorduroso) contém agora o creme fresco e o azeite predigeridos, combinados com ingredientes adstringentes que embranquecem e tonificam a pele. Não somente elas o recomendam, como também o empregam em si para branquear, amaciar e embelezar a pele.

Ele peneira instantaneamente, acalma a irritação das glândulas da pele, contrai os poros dilatados e dissolve os pontos negros de tal modo que desaparecem logo. Mantém a epiderme mais seca numa ténue humidade, fresca e aveludada. Apaga o luzidio dum pele oleosa ou gordurosa. As rugas devidas à fadiga desaparecem depois dum só aplicação.

O Creme Tokalon Alimento para a Pele (Cór Branca) torna, em 3 dias, a pele dum beleza e dum frescor novos e indescrevíveis — e isto de tal maneira que não é possível obter doutra forma. Use-o todos os dias.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

Rainha da Hungria

A grande marca de produtos de beleza para peles normais. Embelezam, rejuvenescem, prolongam a mocidade.



Academia Científica de Beleza

Av. da Liberdade, 35
Telf. 21866 LISBOA

M'CAMPOS

f é m i n a

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores — Capa a cores
Esc. 1\$50

Um dia com Greta Garbo, na Suécia, onde a famosa atriz está passando as suas férias

SENTAMO-NOS no mais luxuoso restaurante de Stockolmo, que se debrassa sobre a famosa baía onde as pequenas e verdejantes ilhas formam um colar sobre o azul das águas. Esperávamos Greta Garbo, por fim em descanso na terra natal, passando as férias na pátria, onde as ruas se ornaram com flores e bandeiras para a receber e o povo acompanhou seu automóvel, aos vivas e «hurras».

— «Ai vem ela!»
Tôdas as cabeças, na sala, se viraram para admirar a entrada da atriz. E Garbo passou por entre as mesas, sorridente e radiante, aclamada como uma princesa, agradecendo gentilmente os aplausos, soltando um grilinho de prazer ao ver o grande ramo de rosas rubras com que o «maitre d'hôtel» enfeitara a mesa, que lhe fora destinada.

Uma criatura vital, uma mulher irradiando vida, radiante de alegria, refletindo nos olhos claros e brilhantes e na jovialidade irônica do sorriso, toda a felicidade de que se sente possuída. Assim surgiu a estranha «star» de Hollywood, a mulher dos mais estravagantes disfarces e do absoluto silêncio!

— «É impossível... não pode ser Garbo!»
Uma rapariga sueca, que me acompanhava, sorriu.

— «Julgava Garbo austera e inacessível? Talvez o seja na América. Mas agora está em casa, está na Suécia, e aqui tudo é diferente. Venha comigo. Vou apresentá-la.

Dois grandes olhos de um azul marinho, fixaram-me. Dedos esguios e trigueiros do sol, apertaram-me a mão, de uma maneira amiga e gentil.

A mentira das dietas

Sentei-me a seu lado. A artista usava um débil mas finíssimo perfume, tal como uma brisa primaveril. Trazia um *tailleur* de flanela cinzenta, uma blusa de seda, sapatos de camurça sueca e uma grande «écharpe» branca e acinzentada ao pescoço. Os cabelos caíam numa cascata de ondas douradas até às

espaldas, mas ao invés de ser penteado todo para trás, mantinha uma franjinha no alto da testa.

Estava a comer um autêntico almôço sueco, com sopa, conserva de arenque, e saladas frias.

— «Como vê, não faço dieta. Creio que ficaria de mau humor se passasse sem meu jantar» — disse Garbo.

Fala com naturalidade e expõe com franqueza os seus planos e ambições, sempre atenta, às vezes até ansiosa, que eu interprete e compreenda bem as suas palavras, os seus sentimentos e intenções.

— «Nada do que tenho feito no cinema chegou ao «standard» que idealizara para mim» — continua a artista. «Em todos os meus papéis descobri erros e defeitos. Os críticos louvaram-nos, talvez, mas isso nada significa para mim. Não me julguem egoísta, por favor».

— Mas a «Rainha Cristina» não lhe agradou?

— «Pelo contrário, fiquei amargamente desapontada. Esperava tanto desse filme! Descjava que fosse uma «saga» da minha terra natal e assim o mundo inteiro veria e admiraria uma página da nossa gloriosa história. Mas só consegui fazer o que me foi permitido».

Garbo abana a cabeça, com melancolia.

— «O espírito que reinou durante todo o filme, não foi genuinamente sueco».

Foto-se de Hollywood

— «Hollywood?»

— «...Acho extremamente interessante. Mas a minha vida lá é demasiado exacta e ocupada, pois tenho que me dedicar tão intensamente ao trabalho todos os dias — e nas horas de descanso devo ler e estudar. É necessário, é indispensável procurar evoluir, aperfeiçoar-me — e não vegetar. Eis porque rejeito convites e passo grande parte do meu tempo, presa em casa. Já ouviu falar sobre minhas manias e que sou uma excêntrica?... Pois não é verdade. Amo a vida conto qualquer outra mulher — a beleza, o colorido e a música emocionam-me. Mas vivo ocupada demais para me divertir, tôdas as noites. E prefiro sempre os meus poucos amigos a um grupo enorme de conhecidos, muitos dos quais são usualmente egoístas».

Compreende-se que Greta não se importe muito com festas e danças. Filha legítima dos Vikings, encontra a alegria nas diversões ao ar livre, nos desportos que aprendeu na sua infância. Nada admiravelmente e, quasi todos os dias, durante suas férias, visitava o arquipelago fronteiro a Estocolmo, com um grupo de amigas, banhando-se nas escaldas das ilhas, brincando na areia, em água-planos, manobrando pequenos barcos com as mãos de uma hábil «yachtwoman». No seu traje de banho branco, nas suas calças de flanela e «sweater» de malha, Garbo esquece-se por algumas horas, que é uma famosa estrela de cinema.

Explica-se um boato

Para recapitular esta ilusão, de tempos a tempos, comprou a propriedade particular sobre a qual tantos rumores contraditórios têm surgido.

— «Não a comprei para aí realizar



Uma cena de «Mutiny on the Bounty», o famoso filme que tem Charles Loughton e Clark Gable, como protagonistas

filmes, disse-me Garbo. É para descansar — num lugar onde possa encontrar um pouco de paz e calma, vivendo simplesmente com a Natureza. O contacto com a Natureza é a sensação mais deliciosa que conheço. Nada mais é tão puro, tão limpo e tão saudável para o espírito, como a Natureza».

Quando perguntei a Greta Garbo a sua opinião sobre o trabalho de seus companheiros, os artistas de Hollywood, uma expressão de reserva surgiu nos seus olhos transparentes.

— «A minha opinião sobre os outros, não tem interesse» — disse.

Garbo falou sobre o último filme de Elizabeth Bergner, *Escape me Never*, com grande admiração. E não poupou elogios a Herbert Marshall.

— «Gostei imenso de trabalhar com ele, no *Vênus das Ilusões*. É um actor que tem sinceridade e modéstia, qualidades que parecem em franco desaparecimento, hoje em dia».

A simplicidade, em pessoa

Na América, conta, nunca tem tempo para ir ao cinema, mas durante a sua visita a Estocolmo, esteve seguidamente nos cinemas e viu muitos filmes americanos e europeus. Os seus companheiros eram, como sempre, os amigos dos tempos antigos, os boémios do Bairro Latino sueco, com os quais viveu, quando ainda era uma desconhecida, lutando pela vida, caixeira, modelo de fotografos, «extra» de palcos ou algo mais que lhe desse uns poucos mas honestos «kronor» para viver. Essencialmente leal, a grande e famosa Garbo não esquece os velhos amigos, em tôdas as suas viagens à pátria.

Saída como uma rainha triunfante, pelos «leaders» sociais e artísticos da Suécia — o facto não impede que pela manhã, a artista faça o seu passeio diário de costume, pelos cais, dando um sorridente e normal cumprimento

ao pescador que a saudara, segundo o costume do país.

Os longos passeios a pé e as maçagens — eis os meios que mantêm Greta Garbo tão admiravelmente sã, dando-lhe aquela esbelteza esguia, sem o auxílio da dieta — enquanto o sol e o vento penteiam seu cabelo, mantendo os reflexos dourados, e coloram a sua pele fina, dando-lhe o tom capitoso dum fruto maduro.

Garbo disse-me que pensa melhor quando está andando e que o corpo e o espírito vibram juntos, num curioso ritmo.

Recordar é Viver!

Em Estocolmo, Garbo fez várias compras, e adquiriu raros exemplares de «sloyd» sueco para sua casa na Califórnia. Comprou também cortinas para sua alcova e uma caixa de betula esculpida, para guardar a «lingerie». E muitos livros, incluindo uma colecção inteira de novelas de Selma Lagerlof. Esta foi especialmente encadernada para Garbo, em pelica verde, a fim-de dizer com a cor da sua biblioteca.

— «Nunca terei livros demais, notou Garbo. As vezes leio três ou quatro, de uma vez só».

Noutra tarde, Garbo foi ao «18» — Universal Stores de Paul Bergstrom — onde, não há muitos anos atrás, Garbo vendia chapéus e fazia as suas primeiras tentativas ante a câmara, nos fotografos publicistas da firma. Ai, a «star» escolheu alguns trajes de desporto, naquele estilo sueco tão prático. Graciosa e amável, mas decidida, Garbo foi directamente ao que queria. Tudo para ela deve ter o corte da suprema simplicidade de linhas, mas deve também ter a perfeição do acabamento. Nada poderia ser mais severo do que a blusa de seda branca que escolheu e nada mais delicioso do que o bordado que a ornava. Na vida privada, assim como na profissional, Garbo nunca se contentaria com o segundo lugar!

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, L.da
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefone 2 1368 e 2 1227

Comp., impressão e gravuras BERTRAND (irmãos), L.da
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano	48\$00
25 " 6 meses	24\$00
12 " 3 meses	12\$00
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano	63\$00

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA



CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 18—17 DE FEVEREIRO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



O que será o novo filme português REVOLUÇÃO DE MAIO